Colhendo Histórias: "Resgate das memórias de um grupo de pequenos agricultores da Serra do Herval (RS)"

Rita de Cássia Boeira Campos[1]

Resumo

Nosso projeto nasceu dentro da sala de aula, com o objetivo de familiarizar o aluno com o trabalho do historiador e com o conceito de historicidade. No final do projeto foi possível conhecer histórias e estratégias de solidariedade dos pequenos agricultores da região. Mas o resultado não foi o esperado, não foi uma valorização da História, porque ela, enquanto disciplina de origem acadêmica, é uma estrangeira entre a população rural, nos escritos que são popularizados pela mídia e pelos livros didáticos ainda encontramos ecos do estigma criado em torno do caboclo, desde a difusão do personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato, no início do século XX. É claro, que existem na última década estudos acadêmicos de história local e regional, ensaios de micro-história que buscam superar essa imagem negativa que se cristalizou em torno do homem do campo nacional.
Palavras chaves: historia oral pesquisa ensino de história local

Abstract

Our project was born in the classroom, in order to familiarize the student with the work of the historian and the concept of historicity. At the end of the project was possible to know stories of solidarity and strategies of small farmers in the region. But the result was not expected, there was an appreciation of history, because she, as a discipline of academic origin, is a stranger among the rural population, in the writings that are popularized by the media and textbooks still find echoes of the stigma created around the caboclo, from the dissemination of the character Jeca Tatu, created by Monteiro Lobato, in the early twentieth century. Of course, there are academic studies in the last decade of local and regional history, microhistory tests that seek to overcome this negative image that has crystallized around the man of the national camp.
Key-words: oral history research teaching of local history

A publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998)[2] procura orientar o ensino de História, indicando alguns caminhos a ser percorridos pelos professores em sala de aula. Uma primeira aproximação dos PCNs indicam uma valorização da História Local ou Regional, das experiências individuais e coletivas, e portanto, da memória e do patrimônio local. Uma visão geral do mesmo documento indica que o Ensino de História Local presente nos PCNS tem por objetivo que o aluno reconheça a existência de diferentes temporalidades e como elas refletem no cotidiano. Essa valorização das vivências e da experiência das comunidades locais permite refletir sobre o conceito de cidadania.

A formação de cidadão crítico capaz de se inserir e mover-se do mundo inicia-se ao nível local, pois é exatamente na localidade que ocorrem as primeiras experiências em sociedade dos sujeitos, que continuam ao longo da vida, estabelecendo relações na localidade na qual se inserem nas suas relações de trabalho, de amizade ou familiares[3].

Na prática, a pesquisa da História Local envolvendo alunos e comunidade, permite um encontro um encontro entre a perspectiva dos professores, uma oportunidade de estudo e reflexão sobre a prática pedagógica e um uso intensivo dos recursos que a escola dispõe[4].

Enquanto os livros didáticos, apesar de toda a renovação da historiografia nos últimos anos, apresentam ao jovem conteúdos desconexos, distante da realidade local, visto que em sua grande maioria são editados por grandes editoras localizadas na Região Sudeste[5].

Por outro lado, ainda é comum que os professores de História apoiem sua prática docente nos livros didáticos, de maneira a privilegiar ao aprendizado memorialístico, desprezando a imaginação, ficando totalmente alheio ao universo do aluno. Assim, os temas locais permitem aproximar os alunos de fatos concretos, uma observação mais próxima do cotidiano, um contato com o seu tempo, segundo Alves e Batista:

> Ao historiador compete, portanto, desenvolver um trabalho de construção de relações entre a micro-história e a macro-história, possibilitando ao estudante obter clareza dos conteúdos e apropriar-se do conhecimento histórico interligando os fatos locais com o contexto nacional e internacional, tornando-se sujeito crítico do aprender histórico.[6]

Os autores lembram que os fatos próximos despertam a curiosidade dos jovens, permite a superação de um ensino centralizado no professor, no qual apenas ele é o sujeito ativo do processo de aprendizagem, nessa proposta o professor torna-se um mediador e o aluno sujeito participativo do seu processo de formação:

> A motivação dos alunos para o estudo da história e para a construção do seu conhecimento histórico tem profunda relação com a possibilidade que ele tem de aproximar os acontecimentos históricos do seu cotidiano, da sua família, dos conhecidos, enfim, da sua comunidade com os processos históricos mais amplos, que permitem fazer contextualizações e construir relações. Estimulados pela curiosidade, concebe-se que os adolescentes, por possuírem anseios pelas suas origens, demonstrem apego à sua localidade, estudando história de maneira mais apaixonada, diferentemente da história tradicional ensinada em muitas escolas, onde o estudo não vai além do livro didático, numa rotineira repetição de saberes produzidos, que inibem o aprendizado e limitam as possibilidades de conhecimento[7].

Os autores seguem orientando aos professores que ao privilegiar o particular, não desprezar o geral, deve ser cuidadoso nas explanações para não impor sua visão dos fatos, enfatizando sempre o diálogo, concluindo que as visões micro e macro não se excluem, pelo contrário, são complementares.

Organizando o projeto:

Para que um projeto tenha êxito, é interessante seguir alguns passos como: a) escolher um tema; b) pesquisar arquivos, bibliotecas; c) fazer um levantamento de fontes disponíveis; d) estabelecer relações; e) apresentar uma síntese final. Além de tudo, essas atividades permitem que os alunos tenham oportunidade de exercitar sua capacidade de escutar, aprender a se expressar de forma mais aguda[8].

Na prática, quando iniciei o projeto "As Crianças Contam sua História", em 2006, o objetivo era mais simples e prático: que os alunos aprendessem como se faz uma pesquisa histórica, entrassem em contato com diferentes tipos de fontes (orais e escritas) e por último, desenvolvessem uma redação própria com as conclusões e impressões que recolheram durante o desenvolvimento do projeto.

Os resultados do projeto foram tão ricos, que a abrangência do mesmo cresceu, envolvendo outras duas escolas da rede municipal de Barão do Triunfo: EMEF Marechal Deodoro da Fonseca, EMEF Egídio Vieira da Silva e EMEF D. Pedro II, todas as escolas localizadas na zona rural do município[9]. Quanto aos alunos envolvidos no projeto a grande maioria possuía entre 9 a 15 anos, essa grande variação etária deve-se que o projeto envolveu diversas turmas da rede municipal, como por exemplo, quinta série (sexto ano, de 2006 a 2012), terceira série (2009), sétima (2009 e 2012) e oitava (2012)[10].

O projeto inicia-se por uma leitura acerca do conceito de História, Fonte História e sobre o trabalho do Historiador, a partir desse passo, os alunos passam para uma segunda fase, na qual recebem e entrevistam antigos moradores da comunidade ou idosos da família. O roteiro das entrevistas segue uma ficha que é entregue aos alunos (Anexo 1). Nessa fase os alunos questionam também ao entrevistado se possuem algum objeto antigo, foto ou documento, se gostaria de emprestar para ser exposto em sala de aula.

Num terceiro momento, os objetos e documentos recolhidos são analisados pela turma e identificados, também os resultados das entrevistas são lidos coletivamente ou em grupos. Como encerramento, os alunos em duplas, escrevem um texto (em uma das oportunidades montamos uma linha do tempo coletiva). Os registros elaborados pelos alunos podem ser organizados em pequenos livros ou cartazes. Outra forma do grande grupo compartilhar os resultados é organizar um debate com as conclusões do grupo, apresentando os objetos ou documentos fornecidos pelas famílias, semelhante a uma mini-exposição. O encerramento do projeto deve ser algo concreto para a turma e ao mesmo tempo assemelhar-se com uma confraternização.

No ano de 2009, o projeto apresentou um salto qualitativo, pois a turma daquele ano, com entrevistas com idosos acima de 70 anos e, em especial, uma aluna trouxe do arquivo da família, documentos do século XIX, assim pudemos resgatar a história da comunidade, identificando as primeiras ocupações.

Os resultados das entrevistas são organizados em uma tabela base, que permite visualizar os dados; organizando a mesma tabela conforme a idade os entrevistados pode-se observar a trajetória da comunidade e as mudanças dos costumes e das atividades econômicas (Anexo 2).

Partindo para a análise das fontes:

O mais interessante foi o documento fornecido pela aluna A. (5ª. série, 2009), uma *Certidão de partilha do inventário de Fidelles da Silva Freitas e Delfina Thomazia,* datado de 25 de maio de 1884 (ver Anexo 3)[11], que juntamente com os dados fornecidos pelas entrevistas, cujo tema central era a infância dos entrevistados, foi possível identificar diferentes três fases da ocupação e desenvolvimento econômico da comunidade: 1ª.) atividades extrativistas, com a extração da erva-mate; 2ª.) economia de subsistência, somada ao trabalho sazonal nas granjas de arroz; 3ª.) produção de tabaco (fumicultura) com a inserção da comunidade no sistema de produção capitalista.

1ª. Fase: Exploração da Erva-Mate

Nessa época, a região denominada como Serra do Herval pertencia ao terceiro distrito da Vila de São Jerônimo, que ainda pertencia a Porto Alegre. Caracterizava-se por ser uma região serrana, coberta por uma densa floresta Atlântica, apresentando diversas dificuldades quanto à exploração agrícola, sendo ocupada apenas no século XIX. Os primeiros habitantes dedicaram-se a exploração da floresta atlântica. A historiografia e relatos indicam que a região era rica em ervais, como indica a própria toponímia do lugar. O inventário dos bens do casal Fidelles da Silva Freitas e Delfina Thomazia, apenas confirmam essa realidade, pois deixaram entre seus bens "*data de matos e campos de ervais*".

Quanto à forma de trabalho empregada, deveria combinar o trabalho escravo com alguma outra forma de trabalho, porque o inventário inclui entre os bens deixados apenas uma escrava de nome Filippa e outro de nome Manoel (22 anos). Provavelmente, em épocas de muito serviço o proprietário devia combinar alguma forma de trabalho livre com o escravo, pois apenas o casal de escravos não daria conta do cuidado com os animais e a extração e beneficiamento artesanal da erva-mate.

A atividade nos ervais iniciava-se com o corte dos galhos das árvores, depois seguia-se a secagem. Fallavena descreve dois processos de beneficiamento: **carijó**, no qual os galhos finos de erva são acondicionados numa espécie de grelha de madeira, a dois metros de altura com fogo embaixo, o processo de secagem dura em média 24 horas; o outro é o **barbacuá**, a erva é acondicionada numa espécie de forno subterrâneo, o fogo é acendido do lado de fora e um túnel transmite o calor até o interior. Por fim, após a secagem a erva-mate é colocada no terreiro e passa pelo **concheamento**, isto é, batida com bastões de madeira até ser quebrada em pequenos fragmentos; finalmente, é recolhida e peneirada[12].

Depois do processo de beneficiamento, a erva-mate era transportada em lombos de animais, pois os falecidos deixaram também: sete mulas cargueiras, cinco cavalos e três éguas. Essa forma de transporte condicionaria durante décadas o mapa viário da região, pois não são poucos os relatos que afirmam que antigamente, não havia estradas, mas apenas trilhos no meio da mata, nos quais só se cruzavam de a pé ou à cavalo (ver anexo 2).

O inventário representa um novo ponto de vista sobre a história do município, pois a história oficial ressalta a importância da colonização europeia para a ocupação da região, silenciando-se sobre a presença dos elementos dos nacionais ou mesmo dos descendentes de escravos anterior à fundação da colônia de Barão do Triunfo, em 03 de abril de 1889[13]. O discurso histórico oficial ressalta tanto a presença dos elementos de origem europeia, que a presença dos ditos nacionais surge como algo atual, extemporâneo, negando o processo histórico, como afirma um relatório produzido pela Emater sobre o município: "Atualmente é importante a presença no município de grande contingente populacional de origem luso-brasileira[14].

De uma maneira geral, a historiografia tradicional da primeira metade do século XX e até mesmo os discursos que defendiam a entrada dos imigrantes adjetivavam negativamente o caboclo e seu modo de vida, um dos grandes divulgadores dessa imagem foi Monteiro Lobato ao criar seu personagem Jeca Tatu[15].

2ª. Fase: economia de subsistência e o trabalho sazonal nas granjas de arroz

Provavelmente a intensa exploração das ervateiras, com o afluxo populacional causado pela chegada em massa de imigrantes na região fez com que a atividade de extração sofresse um recuo, desaparecendo mesmo em alguns locais, nas primeiras décadas do século XX, os moradores não conseguem encontrar uma explicação para o abandono da atividade.

Os relatos indicam que por volta da metade do século XX, as famílias plantavam cultivos destinados à subsistência como arroz, milho, feijão, batatas. Geralmente todos os membros da unidade familiar trabalhavam, os entrevistados afirmam que começavam a trabalhar por volta dos 10 anos. As terras eram lavradas com arado de bois. Na época do trabalho no cultivo do arroz, muitos deixavam suas casas para trabalharem nas granjas. O arroz era plantado, mudado e colhido com a mão, era muito penoso, pois muitas vezes machucava as mãos. Mesmo assim, muitas crianças eram levadas para trabalhar nas granjas e nos matos, não sentavam à mesa com a família, a esse relato, os entrevistados lembraram também que às vezes não havia o que comer.

Nas pequenas propriedades se produzia quase tudo o que se consumia, somente "*às vezes trocavam de produtos, por exemplo: quem tinha arroz trocava por um pouco de feijão*"[16]. Inúmeras entrevistas afirmam que se recorria raramente às casas comerciais (vendas) apenas para comprar tecidos ou sal.

As casas eram feitas com punhados de barro colocados numa armação de taquara, cobertas com palha de coqueiros, os fogões eram de barro e capim. "*Se passava muito frio, porque dormiam numa cama de palha de milho gelada*"[17] (Anexo 4). As escolas também eram feitas de pau a pique, muitas vezes as aulas eram pagas a um professor itinerante, que permanecia em cada comunidade cerca de dois dias por semana e partia para outra. Quando não havia escola, alguém emprestava uma sala para o professor dar aulas.

Embora a vida se mostrasse difícil, os momentos de alegria também eram muitos, a comunidade se reunia em bailes de galpões, no tempo de natal, havia as surpresas nas casas com os reiseiros, serenatas. O grande acontecimento social era mesmo os casamentos, com leitão assado, arroz, pão e doce caseiro.

3ª.) produção de tabaco (fumicultura) com a inserção da comunidade no sistema de produção capitalista

Há uma expansão do ensino na zona rural, sobretudo na década de 1970, quando em cada comunidade já existe uma escola, multiseriada, geralmente, assegurava o ensino até a 4a. série, os professores na grande maioria eram leigos, com formação no antigo Primeiro Grau ou nem isso. As crianças começavam a trabalhar por volta dos sete anos, cuidando das vacas, ajudando na plantação e tirando feixinho das carreiras de fumo (o cultivo do tabaco tornou-se a atividade econômica mais importante na comunidade).

Com a expansão do cultivo do tabaco, há uma capitalização na região, difunde-se as construções com tijolos, estufas e casas, por vezes financiadas pelas empresas fumageiras. A monetarização permitiu o acesso tardio a tecnologias, apenas na década de 1980, expandiu-se o costume de assistir televisão, escutar rádio, difundiu-se o hábito de ouvir músicas gaúchas e bandinhas em bailes, carreiras e jogos.

O acesso a carros, transporte coletivo ou mesmo a presença de caminhões é muito recente na região, mesmo nas décadas finais do século XX, ainda era grande a presença do carro de bois e cavalos para o transporte, os carros eram tão raros que quanto cruzava um, "todos ficavam de boca aberta 'babando'..."[18].

A comunidade apresenta uma transformação vertiginosa nos costumes e saberes, devido a monetarização das relações, com a expansão da fumicultura, que se acentua, com a expansão da aposentadoria rural e da "bolsa família". Mudanças visíveis nas habitações, segundo o relatório da Emater/RS, a maioria da população mora em casas de "alvenaria, muitas não possuindo acabamentos como reboco, azulejos, pisos e forros"[19]. Essas inovações são tão rápidas e o acesso aos bens industrializados faz com saberes tradicionais sejam rapidamente esquecidos, como a construção das casas de taipa e o de fazer móveis.

Do ponto de vista social, há alguns problemas herdados do isolamento e da pobreza do mundo rural; relatos indicam a presença de crianças na produção do fumo, como conta um dos alunos

> A minha casa é um lugar tranquilo, mas também é legal, mas é ruim de viver quando começa a plantação do fumo, porque tem que colher fumo no olho do sul, é bom de colher fumo na beira do mato. Quando chega a hora de carregar o fumo da lavoura, para casa, as trouxas são pesadas. Mas quando sobra tempinho a gente brinca no mato, é refrescante dentro do mato. Mas quando chega a hora de atar fumo é bom. Só até quando tem que carregar o fumo para o forno, aí é quente demais"[20]

A modernidade e a produção capitalista trouxeram também outros problemas sociais como o endividamento das famílias. Os relatos indicam que há uma tendência cada vez maior de endividamento e insolvência dos pequenos produtores rurais, segundo os relatos, "antigamente não tinha gastos com ferramentas, tratores, alimentação era produzida nas propriedades e não tinham peões e nem energia elétrica. Hoje, temos muitos gastos com ferramentas tratores, alimentação e energia elétrica...[21]".

A necessidade de contratar peões deve-se ao fato da tendência geral das famílias terem menos filhos, segundo o mesmo relato "antigamente não era necessário [contratar peões porque] as famílias eram grandes e agora é preciso contratar peões porque as famílias são pequenas"[22].

Entretanto, as comunidades que ainda guardam cultivam a solidariedade das famílias extensas, ainda podem apoiar-se no trabalho em mutirão (ou como chamam na comunidade pichorão); que funciona no sistema de troca de trabalho ou "trocando dia, ou seja, trabalhamos numa casa e depois aquelas pessoas da casa vem trabalhar na nossa casa"[23].

Os relatos dos pais entrevistados pelos alunos indicam que poucas décadas atrás não havia um cuidado maior com o uso dos agrotóxicos, prejudicando a saúde dos agricultores e contaminando o meio ambiente. Segundo W., o trabalho na produção do fumo "era mais prejudicial do que hoje, porque as pessoas não usavam os equipamentos de proteção para botar os agrotóxicos nas lavouras, e existia agrotóxicos mais fortes"[24].

A propósito de uma conclusão

Esse sucesso experimentado quando de trata do resgate da memória familiar não se repetiu quando tentou-se uma atividade semelhante envolvendo histórias dos imigrantes, mesmo na escola D. Pedro II, a qual encontra-se próxima a sede do município, núcleo dos assentamentos de imigrantes italianos. Fato que se choca com a pronta disposição dos entrevistados em falarem da sua vida e de suas experiências do passado. Como afirma, Ecléa Bosi, aos pesquisadores cabe também "interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento"[25]. Seria a mobilidade dos migrantes que produzem as amnésias e os apagamentos das memórias, a autora afirma que "o desenraizamento é condição desagregadora de memória"[26], já que a memória necessita de um suporte para se organizar e que lhe dão sentido, como fotos ou documentos, coisas que são perdidas pela transumância ou por momentos de crise.

É claro que esse desenraizamento por si só não explica o apagamento da memória dos descendentes de migrantes, que é relembrada e comemorada apenas na sede do município, local de concentração por excelência daqueles que prosperaram, se auto definem descendentes de imigrantes, enquanto os que receberam lotes isolados e no meio da mata atlântica tiveram que se adaptar ao meio, adotando o modo de vida dos "caboclos", dos pequenos agricultores nacionais, que a amnésia do desenraizamento aprofunda os laços de solidariedade, das possibilidades das trocas, tão importantes para superar o frio e a fome que são constantes num sistema de produção baseado apenas nas culturas de subsistência, como salientou Antônio Cândido, quando analisou o sistema de produção de subsistência em São Paulo, muito semelhante ao sistema de organização social presentes nas entrevistas dos moradores da Serra do Herval, ele argumenta que a produção de subsistência encontra-se sempre no limite:

> A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precário), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência"[27].

Outra memória étnica, por assim dizer silenciada nas comunidades informantes é a dos descendentes de escravos, foi possível registrar apenas um relato, proveniente de um aluno membro de uma família de "mateiros", que são transumantes, contratados para cortar matos e mudam-se frequentemente de cidade sem formar vínculos locais, segundo G.

> Os mais velhos eram tratados como escravos trabalhavam sem comer e sem quase um copo de água sem direito a descanso, senão perdiam o serviço. Os escravos tinham que trabalhar duro senão eram chicoteado e massacrado e condenado a morte sem comer uma colherada de nada, sem beber água, assim eles eram obrigado a trabalhar sem parar e sem comer sem reclamar. Eu conheço essa história assim esta história que os branco sempre querem ser mandão. Essa foi a primeira história que o meu pai contou para mim"[28].

Assim, as memórias individuais são um produto social produzidas pela experiência dos indivíduos e é por natureza seletiva, são como partes de um todo, que unidas dão sentido ao um processo histórico, o apagamento da memória dos imigrantes e do passado escravista, permite que a comunidade se veja como um todo e estabelecem laços de solidariedade, numa economia ainda baseada nas trocas, sobrevivendo a um ambiente hostil das serranias do Sudeste e ao isolamento em que foram condenadas pelas dificuldades de transporte, tão bem salientadas em todas as entrevistas.

Daí a recusa a aceitar a história oficial, que não valoriza e não menciona as solidariedades locais, a presença dos caboclos e seu sistema de produção e construção aprendido rapidamente pelos imigrantes, pois como diz o já citado relatório da Emater: "*embora um município de origem colonial, os costumes das diversas etnias foram mesclados e absorvidos resultando um comportamento muito peculiar*"[29]

Referências Bibliográficas

ALVES, P.; Schallenberger, E.; Batista, A. A. A História Regional – Desafios para o Ensino e a Aprendizagem. Akrópolis 13(1):39-45, 2005.

BARBOSA, Vilma de Lurdes; Ensino de História Local: Redescobrindo Sentidos. Saeculum- Revista de História [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006, p. 57-85.

BOSI, Eclea. O tempo Vivo da Memória: Exercícios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História. Brasília: MEC / SEF, 1998.

CANDIDO, Antonio; Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Editora 34, 2001

FALLAVENA, Leandro; Barão do Triunfo: descobrindo sua História. [s/l]: Editora Diartes, 1997

LIMA, Idesuíte de Souza, A abordagem do Ensino de História Local nos Livros Didáticos das Séries Iniciais. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0801.htm, acessado em 1º /05/2012.

NAXARA, Márcia Regina Capelar. Estrangeiro em seu próprio terra: representação do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998.

NOGUEIRA, Natania; Ensino de História Local: um deságio para os professores do Interior da Zona da Mata – o caso de Leopoldina. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0404.htm, acessado em 1º./05/2012.

TANURI, Leonor; História da formação de professora. Revista Brasileira; Mai/Jun/Jul/Ago de 2000, no. 14, p. 61-193.

Anexos

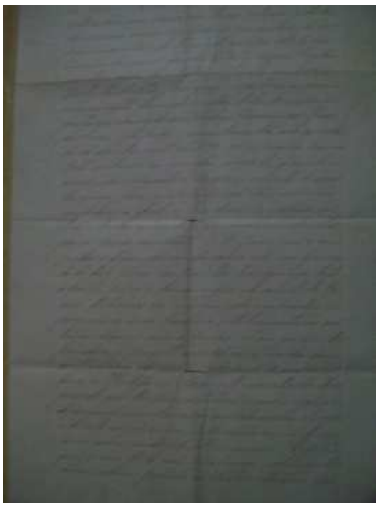
Anexo 1 – Formulário base para as entrevistas:

PESQUISA SOBRE HISTÓRIA DA COMUNIDADE
A seguinte pesquisa visa resgatar a história de nossa comunidade. Então pedimos sinceridade com as respostas:
Dados Pessoais:
Nome:_____
Profissão:_____ Idade:_____
Aspectos gerais do município na época em que o morador era criança:
Como eram as estradas?_____ _____
Havia mais ou menos pessoas que agora? _____
Como eram as construções? _____
Quais eram as principais atividades econômicas?_____ _
Como as pessoas conseguiam água? E havia luz? Se não havia como as pessoas faziam?_____
Quais os meios de transporte utilizados no município naquela época?_____
Hábitos cotidianos:
Onde eram comprados os produtos alimentícios? Ou como eram obtidos?_____
Quais as principais formas de lazer ou divertimento naquela época?_____
Quais as brincadeiras infantis preferidas naquela época?_____
Que festas populares eram realizadas no município?_____
Como os adultos e as crianças se vestiam?_____
Onde eram obtidas as roupas?_____
Opinião do entrevistado:
Quais as mudanças do município que mais chamaram sua atenção?_____
Quais mudanças você considera positivas? Explique._____
Que mudanças você considera negativa? Explique:_____
Obrigada!

Anexo 2 - Tabela elaborada a partir dos dados coletados

Entrevistador	Entrevistado	Profissão	Idade	Estradas	Havia mais ou menos pessoas	Construções
Claudia	Malaquias Meneses de Souza	Agricultor	63 Anos	Era apenas uns trilhos	Havia mais do que agora	Capim, barro e feitas de pedra
Vanessa	Maria de Lourdes Passos dos Santos	Doméstico	60 Anos	As estradas eram ruins, quase não tinha estradas	Agora há mais pessoas, antes as casas eram longe uma das outras	Algumas de tijolos de barro ou de tábua
	Maria de Lurde Anselmo de Abreu	Agricultora	69 Anos	Eram vários trilhos, que só andavam cavalos e bois	Mais pessoas	Eram feitas de pedras, com barros e palha de butiazeiro
Maurício	Maria Rita Abreu da Silva	Agricultora	67 anos	Onde eu morava era uns trilhos	Onde eu morava menos	O telhado da casa era de capim e paredes de pau a pique

Anexo 3 - Imagem do documento inventário do casal Fidelles da Silva Freitas e Delfina Thomazia (25 de maio de 1884)



Anexo 4 – Foto de uma típica casa de pau a pique, gentilmente cedida pela Família Serpa.

Notas

1 Mestre/Smed de Barão do Triunfo, RS

2 Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História. Brasília: MEC / SEF, 1998.

3 LIMA, Idesuíte de Souza, A abordagem do Ensino de História Local nos Livros Didáticos das Séries Iniciais. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0801.htm, acessado em 1º /05/2012.

4 Idem.

5 Idem.

6 ALVES, P.; Schallenberger, E.; Batista, A. A. A História Regional – Desafios para o Ensino e a Aprendizagem. Akrópolis 13(1):39-45, 2005, p. 40.

7 Idem, p. 40.

8 Idem, p. ???

9 O município de Barão do Triunfo localiza-se a 95 Km de Porto Alegre, emancipou-se de São Jerônimo em 1992.

10 No ano de 2010, enquanto estive de licença minha substituta, a professora Kelem Vencatto Gomes deu continuidade com o projeto. A turma de quinta série daquele ano foi tão participativa que foi possível montar uma verdadeira exposição com os objetos e documentos históricos recolhidos pelos alunos.

11 O documento trata-se de suas folhas manuscritas, uma escrita também no verso, devido a ação do tempo encontram-se em péssimo estado de conservação, trata-se de uma cópia da certidão original, descrevendo o teor da partilha do inventário que se destina ao genro do casal inventariado Domingos José de Souza, constante do arquivo particular da Família Souza, datado de 25 de maio de 1884, na própria localidade de Herval, pertencente da Vila de São Jerônimo, da Comarca de Porto Alegre.
12 FALLAVENA, Leandro; Barão do Triunfo: descobrindo sua História. [s/l]: Editora Diartes, 1997, p. 61-62.
13 Idem,
14 Barão do Triunfo: Região Colonial da Serra do Sudeste; Estudo da Situação – Revisão 2003 – ASCAR – Emater/RS, mimeo, p.6 .
15 NAXARA, Márcia Regina Capelar. Estrangeiro em seu próprio terra: representação do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998.
16 Mantive na citação a redação do aluno, J., 7ª. 1 (EMEF D. Pedro II, 2012), colocarei apenas as iniciais dos alunos, pois na sua grande maioria são menores de idade.
17 redação das alunas J. I., P. C. e A. S., 5a. série/2008
18 relato recolhido pelo aluno A. F.l (5a. série/2008)
19 Barão do Triunfo, op. cit., p. 11.
20 Relato feito por B.. 5ª. série, 2009.
21 N. K., 7ª. 1, (EMEF D. Pedro II, 2012)
22 Idem.
23 M. H. P. P., 7ª. 2 ((EMEF D. Pedro II, 2012).
24 W.S.P., 7ª. 1 (EMEF D. Pedro II, 2012)
25 BOSI, Eclea. O tempo Vivo da Memória: Exercícios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 19.
26 Idem, p. 26-27.
27 CANDIDO, Antonio; Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 46.
28 G., 5ª. série , 2008, EMEF Marechal.
29 Barão do Triunfo, op. cit., p. 6.